

“Uso de elefantes, mobilidade e problemas logísticos na arte da guerra helenístico-romana”

Henrique Modanez Sant’Ana

Doutorando em História, Universidade de Brasília

Vicente Dobroruka

Professor de História Antiga, Universidade de Brasília

Doutor em Teologia, Oxford

“Judeu errante, obrigado a andar sem parar, o tanque não poderia ser uma arma temível”. Assim referia-se a general francês Chauvineau - talvez à guisa de justificativa para a série de erros do Estado-maior aliado que conduziram ao rapidíssimo colapso da França em meados de 1940¹.

Dez anos antes, Sir William Tarn, numa série de conferências dedicadas ao desenvolvimento militar helenístico, afirmava com mais convicção que comparar o uso de tanques no mundo moderno com os elefantes na Antigüidade era um equívoco - *quite misleading*². É intenção dos autores deste artigo não comparar a *eficácia* dos elefantes *versus* tanques - isto sim seria anacronismo imperdoável - mas entender como os elefantes tiveram um momento de sucesso fulgurante na guerra antiga (notadamente entre o encontro entre os elefantes do rei indiano Porus e as tropas de Alexandre, o Grande, no rio Hydaspes em 325 a.C.³ e seu último uso “à sério” em termos táticos, na batalha de Pydna em 168 a.C. por parte dos romanos.

Considerar os fracassos e sucessos dos elefantes em campos de batalha helenísticos, romanos ou cartagineses deve partir de uma premissa básica: bem ou mal-sucedidos nos confrontos, os paquidermes constituíam um “pesadelo administrativo”⁴, o

¹ Cit. por Raymond Cartier. A Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Primor, 1977. 2 vols. Vol.1, p.47.

² William W. Tarn. *Hellenistic Military and Naval Developments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1930. P.96. O livro consiste de um resumo das conferências proferidas entre 1929-1930 no Trinity College, Cambridge, sob o título de “Lees-Knowles Lectures in Military History”. Tarn considera o artigo de Harold G. Eady. “The tank” in: *United Services Journal*, 1926. P.81 como o primeiro a tratar da analogia entre o tanque e o elefante de uso militar; não pudemos confirmar ou refutar tal afirmação. Para uma discussão atualizada das tendências recentes no campo da história militar, cf. o artigo de Jean-Christophe Couvenhes e Sandra Pére-Noguès. “Quoi de neuf sur la guerre?” in: *Pallas* 67, 2005; sobre o uso militar do elefante em geral, cf. John M. Kistler. *The War Elephant*. Oxford: Greenwood Publishing Group, 2006 e Konstantin Nossov e Peter Dennis. *War Elephants*. Oxford: Osprey, 2008.

³ Políbio. *História* 28.29. Atualmente, na região do Punjab, Índia.

⁴ Robert F. Glover. “The tactical handling of the elephant” in: *Greece & Rome* 17 (49), 1948. P.10.

que equivale a dizer que a logística necessária ao seu uso não compensava os resultados obtidos que, não obstante, chegaram a ser positivos em várias oportunidades. O elefante oferecia dificuldades na sua aquisição (vindos da Etiópia ou da Índia; o mesmo não vale para os norte-africanos, obtidos localmente pelos cartagineses); para seu treinamento (em especial para acostumá-los a enfrentar situações de risco, como formações cerradas, sons destinados a aterrorizá-los ou simplesmente soldados armados levemente destinados a atacá-los, como na batalha de Beneventum em 275 a.C.⁵); e finalmente, num paralelo com os tanques modernos válido, pelo congestionamento que podiam causar ao deslocamento de outras tropas, algo que os civis raramente percebem⁶. Por fim, o abastecimento de um elefante e suas debilidades naturais, já percebidas por Aristóteles⁷, faziam de seu emprego um luxo aparentemente injustificável. Por outro lado, a afirmação de que os elefantes africanos seriam, por sua própria natureza, inferiores aos indianos, parece partir de uma tolice (entre várias) divulgada inicialmente por Ctésias em sua obra sobre a Índia⁸, que não encontra provas cabais nos embates antigos: o relato de Políbio sobre o assunto relacionando o tema à batalha de Raphia em 217 a.C. não faz mais do que repetir os preconceitos de Ctésias.

Entretanto, a maior parte dos elefantes de Ptolomeu esquivou-se ao combate [entre os próprios elefantes], como acontece geralmente com os elefantes africanos, pois sendo incapazes de suportar o odor e o grito dos elefantes indianos, e apavorados, penso eu, com o tamanho maior e a força dos mesmos, eles voltam-lhes as costas imediatamente e põem-se em fuga antes de sua aproximação⁹.

⁵ Plutarco. *Vida de Pirro* 25.5 e Plínio. *História Natural* 8.7.

⁶ Glover, op.cit. p.10. Na Antigüidade como no mundo moderno, a velocidade do deslocamento de uma coluna táctica relaciona-se diretamente com sua extensão; somando-se à isso a lentidão natural dos movimentos dos elefantes, temos aí elementos desalentadores para quem os comandasse juntamente com outras tropas - e não nos ocorrem exemplos de elefantes utilizados *exclusivamente* contra outros tipos de soldados especializados.

⁷ *História dos animais* 1.1 (ao discutir a natureza selvagem ou dócil de animais específicos, Aristóteles afirma que o elefante é “facilmente domado” e “de bom temperamento”); 9.46 (seu emprego pelos indianos independentemente do sexo do animal, embora as fêmeas sejam menos ferozes; na mesma passagem Aristóteles confirma a capacidade dos elefantes enfrentarem-se mutuamente).

⁸ FrGH 688 F9; 45.

⁹ Políbio. *História* 5.84; aqui Políbio parece confundir o pavor dos elefantes em geral com relação ao cheiro dos cavalos com as diferenças de cheiro dos elefantes entre si, repetindo um *topos* literário completamente fora de contexto, mais adiante, em 9.24, o mesmo Políbio nos recorda que os cavalos numídios não necessitavam de proteção especial de infantaria contra os elefantes, e a implicação lógica é que haviam sido treinados para enfrentar os mesmos); Onesicrito. FrGrH 134 F13, repetido em Plínio. *História natural* 6.81. A tolice é perpetuada, entre outros, por Tito Lívio. *História romana* 37.39 ([...] os elefantes africanos não são páreo para os elefantes indianos mesmo quando os números de ambos são iguais, pois estes últimos são muito maiores e lutam com muito maior determinação [...] - [...] *multitudinem regionum elephantorum - erant autem quattuor et quinquaginta - sustinere non videbantur posse, ne pari quidem numero Indicis Africi resistunt, sive quia magnitudine - longe enim illi praestant -*

Tarn argumenta que o encontro dos soldados de Alexandre com os elefantes de Porus marcou um ponto fulcral na carreira até então desabalada do macedônio pelos confins da Ásia; seus soldados nunca mais voltaram a ser os mesmos¹³. Quem quer que tenha sofrido os efeitos de uma arma desconhecida sabe dos efeitos de seu ataque - mas reflexões posteriores mostram que o efeito é muitas vezes mais imaginário do que real. Os soldados que foram vitimados pelo gás na Primeira Guerra Mundial ou que correram para as trincheiras fugindo dos bombardeiros de mergulho alemães na Segunda sabem bem disso; nunca mais foram os mesmos, mas aprenderam a defender-se ou pelo menos a costumar-se ao risco da arma adversária, na ausência de contramedidas eficazes..

Do mesmo modo, o uso bem-sucedido de elefantes em batalha dependia em larga medida do terreno: Aníbal perdeu tempo considerável em sua travessia dos Alpes limpando o caminho obstruído por uma avalanche, de modo a permitir a passagem dos paquidermes:

[...] *dessa forma* [Aníbal, após o deslizamento de neve] *conseguiu com grande dificuldade passar em 3 dias com os elefantes, agora reduzidos a condições lastimáveis pela fome*¹⁴.

O encontro dos elefantes de Porus com os soldados extenuados de Alexandre (ao contrário de seu líder, cansados de marchas e batalhas) nos leva a três considerações fundamentais que justificariam o uso dos elefantes em batalha na Antigüidade. Em primeiro lugar, como descrito acima, seu impacto psicológico: para muitos, a visão do paquiderme deve ter sido o suficiente para alimentar o desejo de fuga ou abandono da posição. Compreendendo melhor que tal efeito só poderia ser contrabalançado pelo treinamento de soldados - e especialmente de cavalos - ao contato com elefantes, os romanos empreenderam mais do que *briefings* sobre o que os legionários poderiam encontrar: desenvolveram técnicas para enfrentar elefantes, como narra Tito Lívio acerca da campanha romana contra Antíoco¹⁵:

¹³ Tarn, op.cit. p.94. Cf. também Arriano. *Anábasis de Alexandre* 5.25 e Plutarco. *Vida de Alexandre* 62.2.

¹⁴ Políbio. *História* 3.55.

¹⁵ *História romana* 37.40 ([...] *a fronte introrsus in duos et triginta ordines armatorum acies patebat. hoc et roboris in regiis copiis erat, et perinde cum alia specie tum eminentibus tantum inter armatos elephantis magnum terrorem praebebat [...] Pisidae erant et Pamphylii et Lycii; tum Cyrtiorum et Elymaeorum paria in dextro cornu locatis auxilia, et sedecim elephantum modico intervallo distantes*).

Havia 16 mil soldados de infantaria em arranjo macedônico, conhecido como 'falange'. Estes formaram o centro, numa frente de dez divisões; entre cada divisão havia dois elefantes. Sua profundidade era de 32 fileiras. Essa era a força principal do exército real e tinha uma aparência formidável, especialmente com os elefantes dominando os homens. O efeito era aumentado pelas armaduras nas frentes dos animais e pelas torretas em suas costas, cada uma ocupada por quatro soldados [...] Então vinham 4 mil pisídios, panfílios e lídios, depois desses cirteus e elimeus no mesmo número da ala direita, e por fim 16 elefantes a pouca distância.

Isso ocorreu em 190 a.C.; ora, sabemos que os romanos somente utilizaram de modo sistemático elefantes em campo de batalha após 200 a.C.. Essa vantagem no treinamento ocasionou a familiaridade dos legionários com os elefantes, mas também deve ter contribuído para seu extermínio sistemático quando capturados¹⁶.

É um lugar-comum repetir, desde as conferências de Tarn ao final dos anos 20 do séc.XX, que os usos dos elefantes em batalha eram três: 1. Servir de escudo para a cavalaria; 2. Atacar posições de infantaria em campo aberta e eventualmente em posições fortificadas; e 3. Atacar as posições fortificadas propriamente ditas.

É precisamente na análise dessas três considerações sobre o uso dos paquidermes que o paralelo com o tanque revela-se mais frutífero - afinal, Tarn escreveu bem antes da *Blitzkrieg*. Como descrito no item 1, elefantes que tivessem sido treinados para a guerra e acompanhados de uma força de infantaria devidamente espaçada obtiveram mais do que vitórias esporádicas. O uso mais feliz dos elefantes de guerra na Antigüidade deu-se, em nossa opinião, precisamente pelo comando de Xantipo na batalha de Túnis em 257 a.C., ou em Cápua por Aníbal em 211 a.C., protegendo a cavalaria; em contrapartida, para o ataque a posições fortificadas, seu uso revelou-se um desastre (caso de Asdrúbal em Palermo em 250 a.C., quando as contramedidas dos defensores levaram a perdas desproporcionais¹⁷). Como o tanque, o elefante podia ser detido por fossos e outros obstáculos; acrescente-se à isso o fato de que o segredo da mobilidade do tanque deve-se ao dispositivo da lagarta, que permite a transposição de praticamente todo terreno. Ora, o elefante era notavelmente frágil, mesmo para a sua manutenção antes das batalhas e em tempos de paz (lembramos que após um ano de

¹⁶ A razão da indignação de Cícero com o massacre de elefantes em espetáculos (no que parece ter sido acompanhado pelo público, embora habituado a semelhantes carnificinas de animais) pode ter tido essa função - embora pela data de seu protesto os elefantes já estivessem fora de uso, como parte "séria" do arsenal romano, há algum tempo. Cf. Cícero. *Ad familiares* 7.1.

¹⁷ Idem, 1.38.

operações no teatro italiano, Aníbal contava com apenas um elefante vivo: os demais haviam sucumbido tanto às condições do meio quanto às batalhas).

Exemplos de como contramedidas simples podiam deter os elefantes de guerra encontram-se em Plutarco, na *Vida de Pirro* 27.3:

[Os espartanos decidiram] *cavar uma trincheira paralela à do inimigo e em cada extremidade enterraram suas carroças, afundando-as até os eixos no solo, para que, assim firmadas, pudessem impedir o avanço dos elefantes* [em grego, “das bestas”]¹⁸.

Uma variante mais sofisticada do recurso encontra-se no relato de Diodoro sobre a batalha de Gaza em 312 a.C., entre Ptolomeu e Seleuco, com o uso de lanças fixas ligadas por correntes¹⁹.

Quanto ao terceiro uso, que confunde-se com o primeiro, levaremos em conta a efetividade do armamento carregado por cada elefante, numa discussão mais abaixo.

Em suma, para os defensores em campo aberto, o segredo consistia precisamente em servir-se do mesmo recurso dos atacantes para evitarem o pisoteamento por “fogo amigo”: dispersar as tropas e não permitir que fossem alvo fácil para os elefantes. Somando isso ao fato de que não encontramos, em nenhum relato, o massacre de tropas de cavalaria por parte de unidades de elefantes, chegamos a uma das razões essenciais para seu fracasso: a falta de velocidade. O flanqueamento dos elefantes por tropas leves - armadas com a espada curta, muito mais eficaz para ferir ou matar o animal - e sua eventual condução a um campo de abate (como se fez tantas vezes com tanques na Segunda Guerra Mundial) revelaram as fraquezas fundamentais de uma arma cara de se obter (na corrida armamentista que seguiu-se à morte de Alexandre, o esforço de Eumenes para obter elefantes indianos a qualquer preço - para o que encarregou seu aparentemente corrupto oficial Eudemo, como nos relata Diodoro²⁰ - revelou-se um esforço inútil). A Bíblia grega nos fornece um exemplo da efetividade do ataque ao elefante com uma arma curta, em 1Mc 6:43-46:

¹⁸ “Epeita t%-stratoped% twa pol emiwn paral ihlon ehnwsan eñbal ohtej tafon ehqen kail eñen auñhj sthsai taj añataj, mekri tou-mešou twa troxwn kataxwšantej, opwj eñran eñusai dusekbiaston eñpodwn wši toij qhribij”.

¹⁹ Diodoro. *Biblioteca histórica* 19.83-84.

²⁰ Idem, 17.88. A interceptação dos elefantes revela um entre vários exemplos de aquisição falha de inteligência militar por meios humanos - *humint*, em jargão militar - na Antigüidade. Cf. Norman J. Austin e Boris Rankov. *Exploratio: Military and Political Intelligence in the Roman World from the Second Punic War to the Battle of Adrianople*. New York: Routledge, 1998.

*Foi quando Eleazar, chamado o Abaron, ao ver um dos elefantes equipado de couraças reais e ultrapassando em altura todos os outros, pensou que sobre ele estivesse o próprio rei. E entregou-se a si mesmo para salvar o seu povo [...] introduzindo-se sob o elefante, golpeou-o por baixo e o matou. O animal, porém, tombou ao solo por cima dele, que morreu ali*²¹.

No entanto, as análises em torno do uso do elefante deixam todas, de lado um dado fundamental, até agora intocado: seu poder de fogo. Afinal, tanto na poliorcética quanto nas manobras em campo aberto os exércitos helenísticos, cartagineses ou romanos serviam de artefatos muito mais desengonçados, mas nem por isso menos aterradores ou eficazes. Todas as máquinas de assalto ou de arremesso de projéteis padeciam desse mal, sem que isso lhes prejudicasse a eficiência *dado seu uso em condições ideais*.

Nisso reside a grade fraqueza do elefante como arma de guerra no mundo antigo: eram necessários 1. Terreno plano, 2. Abastecimento abundante; 3. Deslocamento livre até o cenário de guerra, 4. Condições favoráveis de ataque a uma posição mal-defendida e 5. Um meio natural que não agredisse a saúde dos animais ou lhes oferecesse obstáculos.

Dadas essas condições, raríssimas de serem encontradas simultaneamente, e seu uso concentrado por parte do atacante, e podia-se esperar vitórias como a de Xantipo²². Em suma, as descrições de Diodoro do massacre levado à efeito pelos elefantes de Porus mostram o uso *concentrado* de animais muito fortes contra um inimigo despreparado:

A luta iniciou-se, e praticamente todos os carros de Guerra indianos foram postos for a de ação pela cavalaria de Alexandre. Então os elefantes surgiram, treinados para fazerem bom uso de seu peso e altura. Alguns dos macedônios foram pisoteados pelos animais, com armaduras e tudo, e morreram, os ossos

²¹ καὶ εἶδεν Ελεαζαρος ὁ Αβαραν ἔν τῶν θηρίων τεθωρακισμένον θώραξιν βασιλικοῖς καὶ ἦν ὑπεράγον πάντα τὰ θηρία καὶ ᾤθησεν ὅτι ἐν αὐτῷ ἐστὶν ὁ βασιλεὺς.

⁴⁴ καὶ ἔδωκεν ἑαυτὸν τοῦ σώσαι τὸν λαὸν αὐτοῦ καὶ περιποιῆσαι ἑαυτῷ ὄνομα αἰώνιον.

⁴⁵ καὶ ἐπέδραμεν αὐτῷ θράσει εἰς μέσον τῆς φάλαγγος καὶ ἐθανάτου δεξιὰ καὶ εὐώνυμα καὶ ἐσχίζοντο ἀπ' αὐτοῦ ἔνθα καὶ ἔνθα.

⁴⁶ καὶ εἰσέδου ὑπὸ τὸν ἐλέφαντα καὶ ὑπέθηκεν αὐτῷ καὶ ἀνείλεν αὐτόν καὶ ἔπεσεν ἐπὶ τὴν γῆν ἐπάνω αὐτοῦ καὶ ἀπέθανεν ἐκεῖ.

²² Aqui a comparação com a doutrina militar anglo-francesa *versus* a alemã relativa ao uso dos tanques parece-nos válida: e para os leitores que imaginam que os ingleses tiveram em Basil Liddell-Hart um precursor do uso dos tanques como “ponta-de-lança”, recomendamos a leitura da surpreendente edição nova e revista das memórias de Heinz Guderian, que mostram que Liddell-Hart como pensador à frente de seu tempo é apenas um mito. Cf. Heinz Guderian. *Panzer Leader*. New York. Da Capo, 2001.

*esmagados. Outros foram agarrados pelas trombas dos elefantes e, atirados para o alto, tiveram uma morte atroz. Muitos soldados foram perfurados de ponta-a-ponta e tiveram morte instantânea*²³.

O mesmo ocorreria na vitória de Antíoco I contra os invasores gauleses na Ásia Menor em 275 a.C..

Retomando o tema das condições ideais, raramente encontradas para seu uso, o elefante não apresentava, por oposição ao tanque moderno, a vantagem decisiva: a capacidade de agredir o inimigo à distância. Já não falamos aqui na velocidade do elefante - que na melhor das hipóteses o deixaria em pé de igualdade com os defensores -, mas pura e simplesmente no armamento transportado. E nesse caso, fossem lanças ou arcos (não faria sentido o uso de armas curtas pelos três ocupantes habituais da torre montada em cima do elefante), o elefante em nada contribuía para aumentar seu alcance ou precisão. Para fazer justiça ao animal, é bom que se diga que, de Alexandre a Wellington o alcance das armas aumentou muito pouco, por comparação com a revolução que as armas de cano raiado trariam ao longo do séc.XIX²⁴ - mas que todas as dificuldades táticas e logísticas do uso dos elefantes parecem tê-las amplificado.

²³ Diodoro. *Biblioteca histórica* 17.88. (“Genomehij delmakhj, tolmech prwtton toij ippeusin apanta sxedoh tal afmata twa lhdwn diefqarh; meta\del tauata twa e) efantwn taij te twa swmatwn uperoxaij kai\ taij a)l taij deotwj xrwmechw, oi(meh upo\ twa qhriwn sumpatoumenoi meta\ twa oplwn, qrauomechw twa o)stwn, a)pw\l unto, oi(del\ taij pronomai\aij peril ambanomenoi kai\ proj u)voj e)arqentej, palin proj thh gha h)attonto kai\ deinoij qanatoij periepipton [...]”).

²⁴ John Keegan. *A máscara do comando*. Biblioteca do Exército Editora: Rio de Janeiro, 1999. Pp.136 ss.